



## “Liberdade fuzilada”: representações do fundamentalismo islâmico na cobertura do caso Charlie Hebdo<sup>1</sup>

NÓBREGA, Adilson Rodrigues da<sup>2</sup>  
MESQUITA, Antônia Morgana Medeiros<sup>3</sup>

Instituto Superior de Teologia Aplicada (INTA), Sobral, CE

### RESUMO

O artigo traça uma análise sobre o discurso referente ao fundamentalismo religioso islâmico nas reportagens das revistas *Veja*, *Época* e *Istoé* sobre o atentado à redação do jornal humorístico francês *Charlie Hebdo*, em 7 de janeiro de 2015. Como categorias principais, analisaremos as representações jornalísticas sobre: a distinção “civilização” versus “barbárie”, relacionada com frequência, nos textos com as culturas ocidental e oriental, respectivamente; a liberdade de expressão como um fator inerente à “civilização”; o radicalismo fundamentalista dos autores do atentado e sua associação com estereótipos relativos à cultura religiosa islâmica, sob um ponto de vista “ocidentalizado”.

**PALAVRAS-CHAVE:** Fundamentalismo, Mídia, Islamismo

### Introdução

Quando, em 7 de janeiro de 2015, dez integrantes da redação do jornal satírico francês *Charlie Hebdo* foram assassinados em plena reunião de pauta por dois jovens irmãos descendentes de imigrantes e supostamente ligados a grupos radicais islâmicos, a ampla repercussão nas mídias de todo o mundo foi semelhante a de episódios semelhantes ocorridos no atual século, como os atentados em Madri (2004) e Londres (2005). Em comum, três episódios de violência provocada por extremistas em capitais europeias, ocorridos posteriormente aos atos de 11 de setembro de 2001, em Nova Iorque, que trouxeram, para autores como Ingrid Gomes (2012a) uma maior visibilidade ao Islã no Ocidente, em termos culturais e políticos.

Na mídia brasileira, não foi diferente: na semana posterior às mortes do *Charlie*, a pauta de veículos de comunicação locais foi ocupada pela cobertura e análise do atentado, com destaque para um fenômeno só verificável em casos de grande repercussão no país: as capas das três revistas semanais de maior circulação, *Veja*, *Istoé*

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 2 a 4 de julho de 2015

<sup>2</sup> Professor do curso de Jornalismo do Instituto Superior de Teologia Aplicada (INTA). Mestre em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará (UFC). E-mail: [adilsonnobrega@hotmail.com](mailto:adilsonnobrega@hotmail.com)

<sup>3</sup> Graduada em Jornalismo do Instituto Superior de Teologia Aplicada (INTA). E-mail: [morganamedeiros100@hotmail.com](mailto:morganamedeiros100@hotmail.com)



e *Época*, imediatamente posteriores ao dia 7 de janeiro<sup>4</sup>, trataram simultaneamente do atentado.

Se o episódio de 2015 guardava semelhanças com os outros dois episódios verificados anteriormente em capitais europeias, um elemento no caso Charlie mobilizou boa parte da atenção nas reportagens e capas das três revistas aqui citadas: o fato do atentado ter sido dirigido, principalmente, contra cartunistas do jornal, motivado por frequentes charges que satirizavam o profeta Maomé e práticas identificadas ao Islamismo. O discurso de repúdio ao ato violento passou a representar também, nos veículos da imprensa brasileira, um ato de afirmação da “liberdade de expressão” – e com ela, de valores da sociedade ocidental - contra o “radicalismo” imposto pelos extremistas – estes, identificados ao fundamentalismo religioso islâmico, de origem “oriental”.

Este artigo apresentará elementos verificados nos discursos das edições das três revistas, como parte de pesquisa iniciada recentemente sobre representações do Islamismo na imprensa brasileira, com destaque, neste trabalho, para o fundamentalismo religioso, em construção discursiva mostrada como antagônica a valores da “civilização” ocidental.

Nestas representações, estão evidentes três principais categorias sobre as quais concentraremos nossas atenções: a distinção “civilização” versus “barbárie”, relacionada com frequência, nos textos com as culturas ocidental e oriental, respectivamente; a liberdade de expressão como um fator inerente à “civilização”; o radicalismo dos autores do atentado e sua associação com estereótipos relativos à cultura religiosa islâmica. Também estará presente nesta nossa análise a reflexão sobre o Jornalismo enquanto fator para construções de identidade e estereótipos, sob influência do discurso de “orientalismo” (na definição de Edward Said, detalhada na sequência deste artigo).

### **Jornalismo e alteridade na representação do Islã**

Iniciamos esta análise com reflexões sobre o Jornalismo como uma atividade capaz de produzir e disseminar formas simbólicas influentes para a produção de sentidos junto a seus públicos. No caso das três revistas aqui analisadas, dados do

---

<sup>4</sup> As edições de *Veja* e *Istoé* circularam no dia 14 de janeiro. A *Época*, no dia 9 do mesmo mês.



Instituto Verificador de Circulação (IVC) mostram, em 2014, uma tiragem somada de cerca de 1,8 milhão de leitores por semana<sup>5</sup>, assegurando a *Veja*, *Istoé* e *Época* as três primeiras posições no ranking das publicações semanais mais vendidas no país.

Cabe, então, às três, papéis significativos na construção de referências discursivas junto ao público leitor brasileiro, de práticas que, conforme lembra Norman Fairclough (2001) são capazes não somente de representar o mundo, mas de construir significados sobre a realidade, dentro de contextos sociais onde operam. No caso de representações a respeito de grupos extremistas islâmicos, realidade cultural e geograficamente distante do território brasileiro, verifica-se um papel análogo ao que é destacado por João Carlos Correia, que destaca:

Os media são uma das instituições que ajudam a dar forma à nossa visão do mundo, proporcionando quadros de interpretação que nos permitem definir as nossas visões do Outro. No caso do contacto com outras formas culturais, isto torna-se particularmente intenso, pois, em muitos casos, os receptores das mensagens noticiosas não têm contacto directo com os protagonistas das notícias. Só ouvem falar deles porque os media se deslocaram a um local social ou geograficamente longínquo para reportar um determinado acontecimento: o Outro entra assim em contacto com os media através de um processo de mediação efectuado pelos jornalistas. Os media são, com efeito, um dos principais, embora não o único, instrumentos de construção de imagens de identidade e de alteridade. (CORREIA, 2009, p. 119)

Nesta mesma obra, o autor lembra que os veículos de comunicação têm responsabilidade sobre a chamada “primeira definição”, ou seja o primeiro enquadramento em que uma pessoa ou grupo tendem a ser apresentados. E acrescentar que grande parte destes enquadramentos é dualista, baseada em dicotomias “Nós” e “Eles”, associada à criação de estereótipos e tipificações.

No caso das representações sobre muçulmanos na mídia brasileira, que tipo de “enquadramento” é sugerido? Que visão de “alteridade”, do “outro” é colocada à disposição do público, para que sirva como referência para a construção de visões sobre o Islã? Trabalhos de autores brasileiros indicam que, embora a imprensa torne muçulmanos socialmente visíveis, ela os cria de modo bastante específico (MONTENEGRO, 2002) e constrói significados baseados em formas hegemônicas:

No Jornalismo, o significado moral presente na versão discursiva alimenta um olhar turvo e, ao mesmo tempo, centrado nas forças hegemônicas de constituição da realidade, em especial as representações do muçulmano nos veículos analisados. (GOMES, 2014, p. 84)

---

<sup>5</sup> Dados em: <http://aner.org.br/dados-de-mercado/circulacao/>. Acesso em 25 de maio de 2015



Tal realidade talvez possa ser acompanhada nas temáticas recorrentes quando o Islamismo é mostrado em revistas informativas de circulação nacional, com ênfase no extremismo religioso; nas visões sobre terror e fundamentalismo; em prática comportamentais consideradas “estranhas” à cultura ocidental, como rituais de inspiração religiosa, uso do véu e burca; a submissão da mulher a hábitos classificados como machistas. A recorrência, portanto, do “estranho”, do “outro” em relação ao “ocidentalizado”, nem sempre com referências que contextualizem ritos, práticas e hábitos típicos daquela religião.

Essas formas de representação recebem a crítica de Edward Said, para quem historicamente os meios de comunicação ocidentais têm sido “extensões sensoriais do contexto cultural predominante”, ao usarem de clichês para representarem a etnia árabe e/ou o homem islâmico a partir de estereótipos. Na análise sobre a cobertura da mídia norte-americana sobre a Guerra do Golfo, este autor destaca:

O mais desanimador na mídia (...) foi ficar traficando um conhecimento “especializado” sobre o Oriente Médio, supostamente bem informado sobre os árabes. Todos os caminhos levam ao bazar; os árabes só entendem a força; a brutalidade e a violência fazem parte da civilização árabe; o islamismo é uma religião intolerante, segregacionista, “medieval”, fanática, cruel, contra as mulheres. O contexto, o quadro, o arcabouço de qualquer discussão era delimitado, na verdade petrificado, por tais ideias. (SAID, 2011, pp. 447-448)

Observação semelhante é feita por Stuart Allan (2010), que em artigo sobre Jornalismo e alteridade identifica, na imprensa britânica, “distorções” e “simplificações”. Com base em relatório da Greater London Authority sobre a cobertura sobre muçulmanos na mídia impressa do país entre 2006 e 2007, ele aponta que

muito mais típicos eram os relatórios noticiosos retratando um antagonismo básico entre o Ocidente e o Islã, com os muçulmanos retratados como uma ameaça aos costumes, valores e estilos de vida tradicionais britânicos.” (ALLAN, 2010, p. 35)

Neste mesmo estudo, Allan destaca que “padrões jornalísticos básicos” chegavam a ser comprometidos em coberturas sobre o tema.

A visão de uma representação jornalística sobre o Islã baseada nestes clichês também é percebida por Ingrid Gomes, para quem as construções discursivas sobre o assunto costumam “ferir a alteridade” e impedem o fazer jornalístico de:

desenvolver (de constituir) a representação do muçulmano como um Outro mais conectado com seus valores complexos, pois os olhos do repertório jornalístico se alicerçam na hegemonia social atual. Essas forças hegemônicas impõem ao jornalismo estudado a não movimentar a representação do muçulmano em sua alteridade histórica, pois os critérios de noticiabilidade e o fazer jornalístico estão



ancorados nos aparelhos de poder das forças sobressalentes sobre o discurso ocidental acerca do Islã. (GOMES, 2012, p. 10)

Uma das reflexões desta autora é que o Jornalismo pode contribuir para um ambiente social mais tolerante à esfera pública, quando atua com respeito ao outro em suas diferenças. Para ela, a alteridade poderia vislumbrar que há

questões complexas sobre o Islã que estão num espaço fora (extra) da área de atuação jornalística noticiosa e, portanto, deve ser privada de qualquer intromissão simplista que deteriore sua historicidade (GOMES, 2014, p. 86)

Diante de observações de características similares em diferentes países, alguns questionamentos podem ser feitos. Que fatores podem ser apontados para abordagens jornalísticas sobre o Islã, carentes de melhores referências históricas e culturais para contextualizar leitores sobre práticas e valores? Como a mídia ocidental passa a lidar com fenômenos como o crescimento do Islamismo na Europa Ocidental e o recrutamento por grupos extremistas islâmicos de jovens nascidos em países ocidentais? Com situações, enfim, em que a cultura islâmica passa a despertar mais atenção e visibilidade?

Para identificarmos aspectos relativos a essas indagações, passamos a resgatar o conceito de Orientalismo e seus impactos para a construção de discursos nas mídias, a seguir.

### **Discurso orientalista e reforço de estereótipos nas mídias**

Na obra *Orientalismo*, Edward Said traça abordagem sobre discursos que a civilização ocidental, ao longo de séculos de História, construiu sobre o Oriente, marcando até mesmo a criação de uma dicotomia Ocidente X Oriente, a partir de um olhar específico, de matriz cultural ocidentalizada. A este conjunto de discursos e representações, ele adota um termo, “orientalismo”, sobre o qual ressalta:

O Oriente que aparece no orientalismo, portanto, é um sistema de representações enquadrado por todo um conjunto de forças que introduziram o Oriente na cultura ocidental, na consciência ocidental e, mais tarde, no império ocidental. Se esta definição do orientalismo parece mais política que outra coisa, isso acontece apenas porque acredito que o próprio orientalismo foi um produto de certas forças e atividades políticas (SAID, 1990, p. 209)



Este “sistema de representações”, expresso na forma de discursos, mostra-se relevante para a compreensão como o Ocidente não só pensou, mas estabeleceu domínio sobre territórios orientais

A minha alegação é que, sem examinar o orientalismo como um discurso, não se pode entender a disciplina enormemente sistemática por meio da qual a cultura europeia conseguiu administrar - e até produzir - o Oriente política, sociológica, ideológica, científica e imaginativamente durante o período pós-Iluminismo (idem, p. 15)

Said ressalta que apesar da “lamentável linguagem especializada”, do “racismo” e da “fragilidade do seu aparato intelectual”, o orientalismo floresceu a ponto de, mesmo em mídias árabes apresentarem discursos sobre “a mente árabe, o Islã e outros mitos” (ibidem, p. 326).

No contexto destes discursos, outros dois termos são igualmente relevantes para as representações presentes na cobertura jornalística: “Islã” e “fundamentalismo”. No discurso do orientalismo, o “Islã”, para além de questões religiosas e culturais, muitas vezes está associado à ideia de uma civilização em conflito de valores e práticas com a ocidental, chegando até a ser representada como “ameaçadora” em sua essência:

A questão religiosa emerge como um dos elementos centrais do discurso orientalista, reproduzido e construído pela maioria dos veículos ocidentais. Said já alertava que os orientalistas clássicos pensavam o islamismo como um instrumento político e não espiritual, como uma hipocrisia organizada, um disfarce político que não consegue equiparar-se ao cristianismo, por ser totalitária, vingativa, violenta. O islã, portanto, desconheceria a noção de paz. (...) O que é definido atualmente como islã, tanto na Europa como nos Estados Unidos, pertence ao discurso do orientalismo, uma construção fabricada para fomentar hostilidade e antipatia contra uma parte do mundo que por acaso tem importância estratégica devido ao seu petróleo, sua proximidade ameaçadora do mundo cristão e sua formidável história de rivalidade com o Ocidente. (BROTAS, 2006, pp. 3-4)

Em seu cerne, este tipo de discurso reforça o quanto os árabes e os muçulmanos foram, “hegemônica e historicamente (...) representados de forma estereotipada (PAES, 2012) e, inclusive, alvo daquilo que alguns autores consideram confusão conceitual: o de confundir a religião muçulmana com uma

versão deturpada dela, que chamaremos de *Islamismo*: este tem mais paralelos com fundamentalismos fanáticos de outras religiões e com os fascismos do entreguerras do que com o Islã tradicional, que pretende representar. (DEMANT, 2004, p.4)

O “Islamismo”, segundo o conceito adotado por Peter Demant, se aproxima das classificações de “fundamentalismo”, “extremismo” e “terrorismo” islâmicos,



frequentemente associadas. Em *Cultura e Imperialismo*, Edward Said fala das imagens de “terrorismo” e “fundamentalismo”, presentes no “imaginário internacional (...) composto de demônios estrangeiros”, o que valeria, segundo ele, tanto para as novas sociedades pós-coloniais, quanto para o Ocidente em geral e os Estados Unidos. A isso, ele acrescenta um aspecto importante:

(...) opor-se à anormalidade e ao extremismo embutidos no terrorismo e no fundamentalismo (...) significa também defender a moderação, a racionalidade, a centralidade executiva de uma moralidade vagamente designada “ocidental” (ou qualquer outra moral assumida em termos patrióticos ou regionais). (SAID, 2011, pp. 469-470)

Assim, estar em oposição ao “Islamismo” seria adotar postura de defesa e afirmação dos “valores” e da “moralidade” ocidental. O problema é quando tais discursos – inclusive reproduzidos pela imprensa - suscitam associações deliberadas entre o Islã e o fundamentalismo, provocando confusões entre públicos que passam a não distinguir limites e diferenças claras entre uma expressão e outra. Sobre isto, Said se manifesta ressaltando que:

As associações criadas deliberadamente entre o Islã e o fundamentalismo garantem que o leitor comum passa a ver ambos como sendo essencialmente a mesma coisa. Devido a tendência de reduzir o Islã a algumas regras, estereótipos e generalizações a respeito da fé, e de seus fundadores, e de todo seu povo, o reforço de todo fato negativo vinculado ao Islã – sua violência, primitivismo e atavismo, qualidades ameaçadoras – é perpetuado. E tudo isso sem nenhum esforço sério de definir o termo “fundamentalismo”, ou dar um significado preciso ao “radicalismo”, ao “extremismo”, ou contextualizar esses fenômenos (por exemplo, dizer que 5%, ou 10%, ou 50%, de todos os muçulmanos são fundamentalistas). (SAID, 2007, p.xvi- xvii. – apud GOMES, 2014, p. 76)

Essa visão também é ressaltada por Sílvia Montenegro, que destaca que, em discursos na mídia brasileira, “Islã e fundamentalismo mostram-se intimamente associados, a ponto de parecer impossível falar de um sem fazer referência ao outro” (MONTENEGRO, 2002, p. 70). Na análise da pesquisadora, palavras como “islâmico” e “muçulmano” funcionam praticamente como adjetivos para o fundamentalismo.

Em que medida, estas associações e estes discursos estereotipados foram adotados pelas revistas brasileiras na cobertura sobre o atentado ao *Charlie Hebdo*? Esta é uma das questões que exploraremos na sequência deste texto.

## **Fundamentalismo islâmico em revistas brasileiras – pontos para uma análise**

Para proceder à análise das capas e principais reportagens de *Veja*, *Istoé* e *Época* referentes ao atentado do Charlie Hebdo, recorreremos a Norman Fairclough<sup>6</sup> (2001), para quem determinados usos da linguagem e de outras formas simbólicas são ideológicos, servindo, em circunstâncias específicas, para estabelecer ou manter relações de dominação. Considerando o “orientalismo” e suas variantes como uma forma de representação simbólica, podemos avaliar discursos nas revistas analisadas como próximos desta lógica de “distinção” entre um “Islã” – construído por discursos ocidentais – e a “civilização ocidental”, de valores iluministas consagrados e expressos em termos como a “liberdade”, usada nas manchetes de *Istoé* e *Época* aqui analisadas, por exemplo.

Segundo Silvia Montenegro, este “Islã, avaliado por Said como uma construção ocidental associada a valores obscurantistas como a teocracia e o radicalismo, estaria sendo resgatado pelos grandes veículos de comunicação que, “numa espécie de *revival* das ideias orientalistas, não veriam no Islã mais que o reverso do Ocidente, o reverso de um “mundo livre”, democrático, etc”. (MONTENEGRO, 2002, p. 73).

Para esta análise, destacamos três construções discursivas comuns nas três revistas e que serão detalhadas e observadas em separado: a distinção “Civilização X Barbárie” em discursos sobre os choques culturais de Ocidente X Oriente; a liberdade de expressão como fator inerente à “Civilização” e atacado pelo “radicalismo”; as representações do fundamentalismo religioso de origem islâmica.

### a) *Civilização X Barbárie*

Um dos elementos mais presentes na cobertura ao atentado é a série de formas simbólicas que acabam por tentar diferenciar os fundamentalistas islâmicos dos valores da civilização (sempre vistos sob um ponto de vista ocidental, com referência a conceitos como “liberdade” e “democracia”). Na edição 2.408 da *Veja*, isto pode ser observado já na capa da edição (Figura 1), onde objetos de desenho, como lápis, canetas, régua e apontador são dispostos no formato de um fuzil e apresentados como “armas da civilização”, reforçados por um subtítulo que diz: “A defesa da civilização

---

<sup>6</sup> Fairclough, por sua vez, toma *Ideologia e Cultura Moderna*, de John B. Thompson, como referência nesta análise.

com as armas da civilização: direitos humanos, liberdade de expressão, humor e coragem”



Figura 1: Veja – nº 2.408

Percebe-se a referência: contra as armas de fogo dos elementos radicais islâmicos, são usadas as “armas da civilização” – à qual os fundamentalistas, provavelmente, não pertencem ou não se inserem. A reportagem principal reforça essa antítese, com o título de “Contra as trevas” e o subtítulo “episódio que finalmente uniu o mundo contra os planos de dominação do terror islâmico” – a figura do fundamentalismo religioso como arquitetos de um plano de dominação do “mundo”, “unido” contra suas forças.

Na mesma reportagem, esses elementos são descritos como “defensores de uma ideologia radical, que pretende instalar uma sociedade regida por leis religiosas medievais, contra qualquer um que não aceita aderir à vertente fundamentalista do Islã”. A afirmação dos valores ocidentais “contra” o Islamismo está evidente em uma das matérias coordenadas, em que se evidencia que o Ocidente foi palco de três séculos de conflitos até que se pudesse “consolidar e propagar valores que hoje compõem o cerne das democracias ocidentais: um sistema político justo, a separação entre Igreja e Estado, as liberdades individuais e os direitos humanos. Tudo que os extremistas islâmicos mais abominam”.

Outro dado interessante é a alusão à França, berço de valores iluministas hoje consagrados pela dita “civilização ocidental”, sendo palco da barbárie representada pela violência dos extremistas. Esta alusão surge na Veja, que cita a Europa como “berço do Estado laico, da república e da democracia” e, de forma mais específica, na Época, que na edição 866, classifica o atentado como “um ato abominável, o mais sangrento em 50



anos, o mais simbólico e ousado, em plena Paris” e destaca que a violência foi mais assustadora porque “atingiu a vocação libertária de Paris”.

Também na *Época* nº 866, observa-se a avaliação de que “O perigo se tornou maior, porque parte dos jovens convertidos ao fundamentalismo migra hoje para receber treinamento militar em campos no exterior e volta para casa disposta e promover a jihad islâmica também em solo francês”, como se a referência do “perigo maior” fosse a presença da “barbárie” dos extremistas em solo europeu, ou seja, em contato direto com os alvos da “civilização”.

É importante frisar também que, embora com menos destaque, as duas revistas citadas e a *Istoé* nº 2.354 adotam um semelhante discurso de “separação” entre os extremistas e os muçulmanos rotulados como pacíficos, seja com depoimentos de líderes religiosos islâmicos condenando o atentado, seja com observação como da reportagem da *Istoé*, que sugere que “também cabe à comunidade muçulmana condenar sem ressalvas nem dúvidas a ação dos grupos terroristas”.

Mas apenas palavras não bastam. É preciso tirar qualquer resquício de legitimidade das ações violentas promovidas por minorias que distorcem uma religião que deveria ser baseada em princípios de paz e bondade”.

Essa “diferenciação”, porém, não parece suficiente para se sobrepôr a generalizações e ausências de contextualizações sobre a cultura islâmica que caracterizam as abordagens. Mesmo nela, permanece a dicotomia do fundamentalista *versus* o muçulmano que incorpora os valores da “civilização” – mas de uma “civilização” com a qual não necessariamente possui identidade. O “fundamentalista” é, simplesmente, visto como o elemento estranho a esta civilização e estes valores. A pesquisadora Ingrid Gomes reforça:

Para tanto, quando se caracteriza o muçulmano como fundamentalista se homogeneiza diferenças do Islã. E a quem isso interessa? A quem favorece esse discurso? (...) A questão é esse “exótico” ser reconfigurado na lógica político-social contemporânea como marginal pelo discurso jornalístico apresentado, e as características culturais-religiosas desse Islã são problematizadas como fundamentalistas ou terroristas dentro do cenário liberal que os valores sociais modernos do Ocidente sobrepõem ao modo de viver do Outro-Islã; identificando o muçulmano como fundamentalista, extremista, radical ou mesmo terrorista. (GOMES, 2012, p. 10)

b) “*Liberdade*” como elemento fundamental para a “civilização”

No discurso de “civilização”, a expressão “liberdade”, seja em referência à liberdade de expressão de se escrever e satirizar, seja quanto à liberdade de ir e vir – ambas tidas como “ameaçadas” pelos fundamentalistas, aparece com ênfase tal que ocupa espaço, simultaneamente, nas manchetes de capa da Istoé (“A liberdade resiste”) e da Época (“Liberdade fuzilada”), apresentadas nas figuras 2 e 3.



Figura 2 - Istoé, nº 2.354



Figura 3 - Época, nº 866

O texto da Istoé também destaca a expressão, especialmente no trecho:

Quando o berço do ideal de liberdade ocidental é atacado, o golpe é mais dolorido. Quando um dos pilares mais sagrados da democracia – o da livre expressão – é atingido pelo terrorismo, o dano é mais profundo. Quando o humor a lápis e caneta se torna vítima da intolerância religiosa manifestada pelo disparo de fuzis e bombas, o riso se perde e a graça e o chiste cobrem-se de luto.

Na mesma edição, a Istoé lembra que o diretor editorial do *Charlie Hebdo*, Stéphane Charbonnier, o Charb, 47 anos, era “um defensor do direito irrestrito de satirizar, criticar e ofender”. Charbonnier é lembrado pela Época por frase atribuída a ele, em que diz: “aqui não proibimos nada. O riso é que decide. Tudo pode ser dito”. A revista também relaciona os cartunistas mortos como “mártires”.

Parece claro que, para além da violência e das mortes, o atentado praticado pelos irmãos Chérif e Said Kouachi contra a redação do *Charlie* foi interpretado e construído discursivamente também como um crime contra um dos pilares da civilização ocidental.

c) *O fundamentalismo religioso de origem islâmica*

Este aspecto é um dos mais centrais à nossa análise, por trazer categorias discursivas que procuram enquadrar os “terroristas” islâmicos como agentes potencialmente nocivos e inadequados à convivência em sociedade, mas que, ao mesmo tempo, reforçam algumas diferenciações quando tentam traçar o perfil dos novos *jihadistas*.

No primeiro caso, percebe-se a *Veja* como a mais incisiva na condenação do radicalismo atribuídos aos militantes muçulmanos, com trechos como “trata-se de uma ingenuidade achar que, ao assassinar doze pessoas a sangue frio, os terroristas estão apenas pedindo respeito à sua religião”, ou quando a publicação afirma que o “objetivo” de fundamentalistas islâmicos é “espalhar o medo entre a população e abrir caminho para instalar uma visão utópica e igualitária da sociedade”. A *Época*, por sua vez, faz analogia aos atentados contra o World Trade Center, alegando que “a comparação entre o 7 de janeiro de 2015 e o 11 de setembro de 2001 não é exagerada, por causa das ondas de choque que os dois ataques provocaram em todo o mundo”.

Outras pesquisas sobre a representação do Islamismo na mídia brasileira chegam a conclusões similares ao apontar versões reducionistas, principalmente quando relacionam “Islamismo” e “terrorismo”. É assim na leitura de Silvia Montenegro (2002) sobre coberturas da *Folha de S. Paulo* que destacam “a face assustadora do Islã”; na análise de Ingrid Gomes sobre a *Veja*, que fala de que “além das generalizações e discriminação claras na revista, há (...) a questão do Jornalismo de *Veja* de misturar Islã a fundamentalismo e outras correntes fundamentalistas (GOMES, 2014, p. 79); no artigo de Antônio Brotas que, citando mais uma vez Edward Said na representação de construída pelo Ocidente para o Oriente como um povo atrasado, bárbaro e fanático aponta que

A revista *Veja* adota de forma irrestrita e incondicional este discurso, pensando as relações com o Oriente de forma dicotômica, em constante oposição. Os valores ocidentais são percebidos como universais, incontestes e, por isso, recomendados para os povos orientais ultrapassarem o atraso (BROTAS, 2006, p. 15)

A recorrência de tal tipo de discurso, atribuindo o extremismo somente a causas religiosas, obscurece questões políticas importantes, como o fato de movimentos islâmicos também constituírem formas de resistência a políticas ocidentais consideradas



intervencionistas. Said, citado no artigo de Brotas (op. cit.), lembra, por exemplo, que grupos como Hamas e Jihad Islâmica constituem-se, também, em movimentos de protesto contra práticas de expropriação israelense e invasão de terras. O próprio Antônio Brotas reforça:

Deste cenário marcadamente orientalista, a religião muçumana rapidamente passa a ser associada ao terrorismo. O termo *terrorismo islâmico* é abundante nas páginas de jornais e revistas. Reducionista, esta denominação não permite uma compreensão da complexidade que envolve o terrorismo, suas causas sócio-políticas, e deixa implícito que o problema do terrorismo está na religião, portanto, em todo o muçumano, quando na realidade é um recurso de pequenos grupos que fazem uma leitura extremista da religião (BROTAS, 2006, p. 4)

Em paralelo, observamos algumas construções particulares sobre o perfil dos responsáveis pelo atentado, principalmente na edição da *Época*, que fala que os “Irmãos Kouachi têm o perfil típico desse novo tipo de terrorista, que atende ao apelo de uma *jihad* global”, ou seja, de cidadãos franceses, arregimentados e/ou treinados no Oriente Médio, que retornam a seus países de origem para praticar os atos de terror. Chérif, inclusive, chega a ser descrito como um jovem de hábitos ocidentalizados: “apreciava rap, fumava maconha, gostava de fazer musculação”.

Fala-se, então, com um tom de estranhamento, sobre jovens que “se rendem” a valores da “barbárie” de um modelo “atrasado”, teocrático e violento de civilização, sem questionar, a fundo, as disposições e motivações que levam esses militantes à adesão aos grupos extremistas. Quando essas motivações são citadas, surgem somente pela transcrição de relatos e falas dos militantes, sem muitas vezes aprofundar uma questão que parece relevante: a percepção dessas pessoas sobre a cultura ocidental, que os leva ao “choque”, à “negação” ou repúdio a estes valores, explicitados na expressão dos atos terroristas contra estas formas culturais.

### **Considerações finais**

Por mais que as três publicações enfatizem que seria inadequado generalizar muçulmanos, estabelecendo traços para diferenciar os muçulmanos “pacíficos” dos “radicais”, uma análise destes discursos deve levar em consideração contextos importantes. Um deles, o de que a visão das publicações é influenciada pelos conceitos secularizados da cultura ocidental, construções históricas “cujos preceitos não são universais, mas se pretendem universalistas” (PAES, 2012, p. 74).



Os “julgamentos”, implícitos ou explícitos sobre o fundamentalismo islâmico, então, são afetados por uma visão particular a respeito da secularização na política, com valores consolidados referentes a conceitos como “democracia” e “liberdade de expressão”, mas que, no discurso das mídias, surgem como naturalizados. Mais do que isso, frequentemente o discurso dos veículos de comunicação sobre o fundamentalismo islâmico passa a ser cercado de um “dever-ser”, no sentido de prescrever orientações e formas de reação para o que se acredita ser um convívio universal pacífico, mas que pode deixar de lado valores culturais inerentes à qualquer forma de civilização que seja a “dos outros” e não a “nossa”.

Outro contexto importante é o de que o fundamentalismo radical, tido como “ameaça” à civilização, encontra-se presente em modalidades ligadas também a outras religiões, que não somente a islâmica. Como ressalta Peter Demant:

O inimigo, portanto, não é o terror em si. E ainda menos o Islã. (...) O inimigo é o fundamentalismo radical. O fundamentalismo é uma reação que se encontra em muitas religiões. Constitui uma reação genérica contra a modernização e suas características: individualismo, urbanização, soberania do povo, liberdades do indivíduo - inclusive a liberdade de escolher ou abandonar sua religião, liberdade de interpretá-la, liberdade na vida privada, etc. (DEMANT, 2004, pp. 10-11)

Não é nossa intenção tecermos juízos de valor que fujam à perspectiva científica deste trabalho. Mas se levarmos em consideração a proposta de Jornalismo como atividade ligada à visão do chamado “polo ideológico”, definido por Nelson Traquina como “serviço público em que as notícias são alimento de que os cidadãos precisam para exercer seus direitos democráticos” (TRAQUINA, 2012, p. 125-126), parece-nos relevante provocar uma reflexão sobre os discursos aqui abordados, no sentido de que uma alteridade de fato no Jornalismo, principalmente na cobertura da temática aqui abordada, só poderá ser plena no momento em que repensar práticas que estigmatizem públicos e se fechem ao “Outro”.

### Referências bibliográficas

ALLAN, Stuart. **O Jornalismo e a Cultura da Alteridade**. Brazilian Journalism Research - Volume 6 - Número 2. Brasília: 2010

BROTAS, Antônio Marcos Pereira. **Terrorismo contemporâneo: fundamentalismo religioso e loucura no discurso da revista Veja**. Intercom –XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Brasília: 2006.



CORREIA, João Carlos. **Teoria e Crítica do Discurso Noticioso - Notas sobre Jornalismo e representações sociais.** Universidade da Beira Interior – Livros LabCom. Covilhã, Portugal: 2009

DEMANT, Peter. **Desafios islamitas, respostas ocidentais.** Revista de Estudos da Religião (Rever) / n° 3. São Paulo: PUC, 2004.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e Mudança Social - análise de discurso combinada com análise social e da mudança social.** Brasília: UnB, 2001

GOMES, Ingrid. **A cobertura jornalística do Islamismo – narrativas marginalizadas e moralizantes.** Intercom – RBCC. v.37, n.1, p. 71-89. São Paulo, jan./jun. 2014

\_\_\_\_\_. **Representações do Muçulmano na editoria Mundo da Folha de S. Paulo.** Intercom. XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Fortaleza: 2012.

\_\_\_\_\_. **Tensões nas representações do Islã na História.** VII Conferência Brasileira de Comunicação Eclesial – Eclesiocom. São Bernardo do Campo: 2012

MONTENEGRO, Silvia. **Discursos e contradiscursos: o olhar da mídia sobre o Islã no Brasil.** MANA 8(1):63-91, São Paulo: 2002.

PAES, Ana Beatriz Pinto da Luz. **O muro dos outros e os outros do muro: alteridades e mundo árabe nas narrativas midiáticas** - Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense (UFF). Niterói: 2012

SAID, Edward. **Cultura e Imperialismo.** São Paulo: Companhia de Bolso, 2011.

\_\_\_\_\_. **Orientalismo – O Oriente como invenção do Ocidente.** São Paulo: Companhia das Letras, 1990

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo.** Vol. 1. – 3ª ed. Florianópolis: Insular, 2012.

